

## PREFÁCIO

Escrever sobre a História do Brasil do século XIX e muito especialmente sobre parte desta História, como é o caso da historiadora Maria Lucia Ricci, está se tornando cada vez mais difícil, por algumas razões, e aqui citaremos apenas duas: a morte lenta e progressiva da documentação e a terrível constatação para o historiador que todo seu esforço será conhecido e aproveitado, provavelmente, por apenas um grupo de estudiosos da História, que encontra relevância no passado sabendo que é dele e do presente que se constitui o futuro.

Na História do ocidente a França e os Estados Unidos causaram enorme impacto no século XIX. A Revolução Francesa e a Revolução Americana tinham em comum a crença de que a solução dos problemas do indivíduo e da sociedade se daria na medida em que o bem e a razão vencessem o mal e a ignorância. As revoluções brasileiras também propagavam idênticos princípios; e, se a nossa história não produziu os mesmos efeitos em termos de repercussão mundial, internamente não devemos ignorá-la deliberadamente, para não nos perdermos nas ações do presente. Seja na condição de colônia ou de nação livre, continuamos, entretanto, articulados ao sistema econômico das grandes metrópoles. Das idéias provenientes destas e das que foram produzidas no Brasil, grupos políticos tiveram entendimentos divergentes, conscientemente ambíguos e até aprofundaram contradições que reforçavam seus projetos pseudo-nacionais. Observador superficial diria que, formaram-se então dois grandes grupos políticos, significativos a nível nacional, por se tratar da elite pensante e dirigente. Numa visão dualista, de um lado estariam os constitucionalistas, liberais, abolicionistas, republicanos; do outro, os absolutistas, conservadores, escravagistas e monarquistas. Traçar de forma maniqueísta as divergências como se fossem meridianos não corresponde às realidades regionais da nação brasileira, no século XIX. Muitos dos constitucionalistas se transformaram em absolutistas e alguns dos conservadores se travestiram de liberais. Se a "inteligência" brasileira aparentemente não defendeu seus projetos à luz de definidas ideologias foi porque as questões regionais dificultaram tal encaminhamento. Essas diferenças vão ser demarcadas conjunturalmente nas regiões.

Dentro desse prisma o trabalho da autora remete-nos ao estudo de uma parte importante da manifestação da inteligência brasileira do século XIX: Antonio

Borges da Fonseca e suas circunstâncias. Analisado como pensador/conspirador na defesa das liberdades, do constitucionalismo e dos princípios republicanos, insere-o no fio do pensamento revolucionário, seguindo a trilha desde o Areópago de També, passando pelas Revoluções de 1817, 1824, o 7 de Abril, a de 1848 até os movimentos em prol da República.

É, entretanto, o jornalista do "Abelha Pernambucana" e do "Repúblico" que merece maior destaque neste ensaio. Analisando a superestrutura mental do século XIX o estudo se enriquece quando a autora, perseguindo os passos de Borges da Fonseca, oferece nos o percurso das idéias liberais na história dessa região. Na construção dessa malha, uma parte da vida de Borges da Fonseca se entrelaça com a história da imprensa desse período: os jornais, os periódicos, panfletos que lhe apoiavam e os que lhe ofereciam combate. Matérias discutidas na Assembléia Legislativa Nacional de 1830, como fixação das forças de terra e mar, lei orçamentária, regularização da circulação da moeda em papel e em cobre e a organização de um banco nacional, indicam as dificuldades enfrentadas na organização do estado nacional, após dez anos de independência política. A grande discussão nacional federalismo versus centralismo, traduz as divergências da classe dominante, já a esta altura fracionada; as colocações do jornalista acerca da escravidão e do quilombo de Catucá são significativas, sinalizando o temor que sentia até a fração da sociedade, tida como a mais progressista da época, diante de ameaças das classes subalternas, por mais inócua que estas fossem ao sistema.

Em linguagem irreverente, Borges denuncia a improbidade de políticos. Crítica duramente as dotações da Imperatriz e de cada um dos príncipes e princesas e quando se refere ao "caríssimo" Imperador, diz Hélio Viana, o faz muito mais pelas despesas que acarretava ao Tesouro Nacional do que pela estima que lhe dedicava. Com astúcia insuperável, fingindo combater notícias injuriosas sobre o Imperador, conseguia divulgá-las de forma mais eficaz.

É muito valioso este estudo sobre Borges da Fonseca, figura política, jornalística e revolucionária. Preenche uma lacuna existente no capítulo da História das Mentalidades no Brasil. Há muito tempo Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa pensou nele. Não apenas como líder de uma fração da classe dominante, mas, e principalmente nas suas "circunstâncias" que são as vezes maiores que o sujeito ou os outros sujeitos da história: os que não escrevem e nem leem jornais, mas, são em realidade a consciência de quem o faz. Maria Lúcia Rangel Ricci deu continuidade ao trabalho iniciado por Reynaldo fazendo-lhe uma homenagem póstuma e nós pernambucanos lhe somos gratos. Tanto Reynaldo como Borges da Fonseca tinham em comum, além da nordestinidade, a santa irreverência, a coragem da denúncia responsável, o combate ao arbítrio e como resposta tiveram a perseguição dos poderosos, a prisão e o exílio de sua terra natal. Borges da Fonseca na sua trajetória

política foi mais gratificado; em 1848 viu ser incorporado ao Manifesto dos revoltosos duas idéias que há muito defendia: a reforma da constituição e a nacionalização do comércio.

Dessa aplicação zelosa para apreender a atuação política do publicista Antonio Borges da Fonseca, a Professora Maria Lúcia Rangel Ricci não se limitou a transformá-lo em meio e fim dos acontecimentos, mostrou a importância da ação pessoal e coletiva na História, demonstrando a articulação entre o geral e o particular, persistindo na exigência de significado social através do tempo, como escreveu Perry Anderson. Dentro dessa perspectiva utilizou-se de uma metodologia moderna onde o quantitativo e o qualitativo se fundem formando uma unidade dialética. A documentação utilizada é farta. Além de bem apresentada foi bastante utilizada no corpo do trabalho. Distinguem-se aí, as memórias, os jornais, opúsculos, e periódicos.

Este estudo é mais que oportuno, é uma contribuição à historiografia brasileira e uma justa homenagem ao publicista Antonio Borges da Fonseca sobre quem assim se expressou Joaquim Nabuco: "na galeria dos nossos tribunos republicanos Borges da Fonseca figura, porém, como o que mais distintamente possui a envergadura revolucionária".

Recife, 20 de janeiro de 1995

**Maria do Socorro Ferraz Barbosa**